



**AS RELAÇÕES DE PODER EM *O VERMELHO E O NEGRO*: CRÔNICA DE UM SISTEMA EM MUTAÇÃO - UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR A PARTIR DA LITERATURA**

**Fernanda Pacheco de Campos Brozoski\***  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ**  
[fbrozoski@yahoo.com.br](mailto:fbrozoski@yahoo.com.br)

**RESUMO:** No presente trabalho buscamos analisar aspectos da obra *O Vermelho e o Negro* que assinalam o final do século XVIII e o início do XIX como um período de profunda transformação do Sistema Interestatal Capitalista. A narrativa de Stendhal oferece importantes vestígios das alterações que se processaram na dinâmica das relações de poder na época e, conseqüentemente, na hierarquia de poder mundial. Acompanhando a trajetória do jovem protagonista Julien, pretendemos levantar algumas reflexões sobre possíveis mudanças sistêmicas introduzidas pela Revolução Francesa e pela figura de Napoleão Bonaparte. Além disso, através de uma perspectiva interdisciplinar, pretendemos contribuir com estudos que busquem caminhos alternativos para pensar a lógica de funcionamento do Sistema Mundial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura – Sistema Interestatal Capitalista – História e Geopolítica mundial.

**POWER RELATIONS IN *THE RED AND THE BLACK*: CHRONICLE OF A CHANGING SYSTEM - AN INTERDISCIPLINARY READING FROM THE LITERATURE**

**ABSTRACT:** In the present article, we seek to analyze aspects of the novel *The Red and The Black* that marked the end of the eighteenth century and early nineteenth as a period of a deep transformation of the Interstate Capitalist System. The Stendhal's narrative provides evidences of changes that have taken place in the dynamics of power relationships at the time, and consequently in the world power hierarchy. Following the path of the young protagonist Julien, we intend to raise some reflections on possible systemic changes introduced by the French Revolution and the figure of Napoleon Bonaparte. In addition, through an interdisciplinary perspective, we intend to contribute to studies that seek alternative ways to think of the World System operating logic.

**KEY-WORDS:** Literature; Interstate Capitalist System; Global History and Geopolitics.

---

\* Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional (PEPI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É membro do Grupo de Pesquisa Poder Global.

## INTRODUÇÃO

Ao trazer um registro literário para uma análise interdisciplinar, como a que realizamos dentro da Economia Política Internacional, faz-se necessário primeiro algum esclarecimento prévio sobre a abordagem metodológica a ser empregada. Para o estudo que aqui propomos não nos interessa recorrer à literatura como registro de costumes de época, de acontecimentos históricos, de expressões ideológicas ou de formas de estruturação do pensamento em certo período. Tendo por objetivo pensar a anatomia do poder expressa na longa duração histórica, de que fala Braudel, instrumentalizaremos determinados aspectos da narrativa de *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, como representação metafórica da dinâmica das relações no mundo do poder. Ainda assim, também será necessário fazer uso da história factual para clarificar algumas questões e esclarecer por que escolhemos esta obra em específico.

*O Vermelho e o Negro* foi publicado em 1831 com o título de “Crônica do século XIX”. A opção pela denominação “crônica” denota abertamente a intenção do autor em conectar sua ficção à História e retratar o que considerava mais característico da sociedade de sua época. A ação narrativa transcorre na França no período da Restauração<sup>1</sup>, isto é, entre a queda de Napoleão Bonaparte, em 1814, e a Revolução de Julho de 1830<sup>2</sup>. Desta forma, tanto o tempo do autor como o tempo em que a ficção se desenvolve refletem vestígios de um período em que a Europa sofre uma transformação significativa.

Desde o final do século XVII, a Paz Vestfália havia abalado fortemente os pilares da autoridade do Rei e da Igreja e inaugurado um tempo de intensa competição no sistema europeu. Pode-se dizer que durante este século o núcleo dos conflitos girava em torno da bipolaridade França-Inglaterra. A assinatura do Tratado de Paris, em 1814, pôs fim ao longo período de guerras e decretou o declínio da hegemonia francesa na Europa. Em 1815, a instalação do Congresso de Viena oficializou a ideia de equilíbrio

---

<sup>1</sup> Denominou-se Restauração o período compreendido entre os anos de 1814 e 1830, quando retornam ao poder os “emigrados” – grupo composto majoritariamente por elementos do clero e da nobreza francesa que haviam sido exilados pelos revolucionários de 1789 e por Napoleão Bonaparte. A base de sustentação dos dois reinados deste período (Luís XVIII e Carlos X) procurou restaurar os privilégios que este grupo desfrutava no Antigo Regime.

<sup>2</sup> Movimento revolucionário liderado pela burguesia francesa que, opondo-se ao reinado de Carlos X (1824-1830), pôs fim a dinastia absolutista dos Bourbon dando início a monarquia constitucional de Luís Felipe de Orleans (1830-1848).

de poder europeu e iniciou-se um período extenso de paz entre as nações, no qual a hegemonia global da Inglaterra se consolidou. No entanto, em quase todo o mundo, este lapso de tempo também ficou marcado pela irrupção de inúmeros movimentos populares de contestação da ordem interna; em grande parte, influenciados pelo ideário e os acontecimentos da Revolução Francesa.

Nas duas primeiras quinzenas do século XIX, neste mundo em transição ainda coexistiam e se chocavam diferentes forças políticas e sociais e diversas correntes de pensamento. Stendhal deixa um precioso registro deste cenário e indícios de uma mudança profunda nas relações de poder. Este contexto híbrido talvez explique porque a crítica tenha dificuldade em qualificar *O Vermelho e o Negro* como pertencente a uma corrente literária definida. Nesta obra é possível perceber tanto traços do Romantismo como do Realismo, a oscilação entre características de naturezas diferentes reflete a indefinição do período de transição em que foi escrita. Para o nosso estudo, esta informação serve como mais um sinal de que selecionamos um período que espelha os sintomas de uma mutação do sistema interestatal.

Diferente dos típicos romances realistas, que detalham minuciosamente os ambientes físicos e as pessoas, Stendhal se dedica mais à descrição dos processos psicológicos. Este é outro elemento que nos favorece em nossa análise, uma vez que buscamos compreender de que maneira se processa a percepção da assimetria nas relações de poder. Neste trabalho, nossa proposta é levantar algumas reflexões sobre a mudança, ocorrida no final do século XVIII e início do XIX, na dinâmica das relações de poder entre o “soberano” e o “súdito”.

### **PERCEPÇÃO DE DIFERENTES ESCALAS DE PODER**

Inicialmente, para não fugir à nossa proposta central, em vez de fazer uma extensa descrição da narrativa, preferi selecionar um trecho de um artigo que nos servisse como uma breve sinopse da obra de Stendhal:

O romance *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, narra a crônica de Julien Sorel, um jovem de ascendência camponesa, partidário de Bonaparte que, no ambiente opressivo da Restauração Monárquica, se divide entre a batina e a vocação das armas, únicas possibilidades de mover-se socialmente para além da sua origem humilde. Vivaz, impetuoso e bem apessoado, o protagonista também exibe uma boa dose de arrivismo na busca por seus objetivos. Suas conquistas sentimentais, primeiro da esposa do burguês que o acolhe como preceptor e depois, a da filha de um aristocrata de grande influência,

constituem pontos altos da literatura ao tratar das formas do amor romântico e idealizado. **Movendo-se entre o campo e a metrópole**, no caso Paris da segunda década do século XIX, o trecho também narra e descreve, de maneira intensa, as disputas políticas da época, o brilho e o tédio da vida cortesã, fazendo desfilarem por suas páginas personagens inesquecíveis. Por fim, a ação se concentra na derrota do projeto pessoal do protagonista, vítima das circunstâncias do seu tempo, ele será tragado pelas engrenagens da má fortuna.<sup>3</sup>

Destacamos o fragmento acima justamente para chamar a atenção para o enfoque que pretendemos dar a esta parte do trabalho. Seguiremos Julien em seu processo de ganho de consciência sobre as tramas do jogo do poder protagonizada por distintos atores sociais em diferentes contextos da vida nacional francesa. A ação narrativa se desenrola em três cenários sucessivos: a trajetória das descobertas de Julien inicia na província (Verrières), passa pela cidade sede do arcebispado (Besançon), até chegar à capital (Paris). De forma consciente ou não, Stendhal parece ter conduzido seu protagonista a adentrar em camadas do mundo do poder cada vez mais complexas à medida que ele avança do campo em direção à metrópole. É como se o autor estabelecesse um paralelo entre a estruturação geográfica do mundo físico com a do poder. Em outras palavras, podemos intuir que o escritor vê este universo de forma hierarquizada, com níveis de complexidade distintos: com um centro, sua órbita gravitacional e uma periferia.

Em cada um dos três ambientes, atuam distintas forças sociais, que, seguindo a lógica apontada acima, estão mais ou menos próximas do núcleo de decisões políticas. Em Verrières, o palco das disputas é dividido pela aristocracia e a ascendente burguesia industrial, que competem por maior influência no setor público da província. Nesta esfera, sobressai a competição econômica. Em Besançon, se destacam as intrigas entre as diferentes correntes da igreja católica e suas alianças com as distintas forças que conduzem o Estado. Aqui ainda vemos o esforço da Igreja por manter sua influência. E, por fim, Paris: âmago das disputas pelo poder. Neste momento, observamos os conflitos no interior de um Estado sob o controle de setores conservadores que defendiam o regime monárquico e se articulavam com elementos internos e externos para se manterem no poder.

---

<sup>3</sup> BARBOSA, Marcelo. **Notas Sobre o Realismo em O Vermelho e o Negro**. 2008. Disponível em: <<http://www.algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MaterialID=176>> Acessado em: 15/12/2014.

Como já dissemos, Julien circula nestas diferentes esferas, se esforça por se adaptar a dinâmica de relações em cada uma delas e busca compreender sua condição neste universo. Em nosso estudo o importante é reconhecer as mudanças nas percepções dos distintos atores a respeito da nova força de contestação da ordem de que o “súdito” dispõe.

### **A NOVA AMEAÇA**

Na época em que o romance foi ambientado, já haviam ocorrido a Revolução Francesa, a ascensão e a queda de Napoleão Bonaparte. E, em decorrência destes acontecimentos, o medo de vir à tona uma nova rebelião pairava sobre todos os Estados europeus.

A Revolução Francesa entrou para a História da humanidade como a referência mais emblemática de movimento popular transformador do sistema político-social. Não entraremos aqui nas questões que discutem o “caráter popular” da Revolução. Quaisquer que tenham sido os protagonistas da rebelião inicial, o que importa é que este evento ganhou dimensões globais, inspirando movimentos independentistas em todo o mundo e servindo de modelo para as mais variadas correntes que se opunham aos regimes políticos vigentes. A Revolução Francesa abriu um precedente inédito na história do sistema europeu: um modo de contestação que, ao ganhar corpo de projeto político-social, transcendeu a simples rebelião popular. A dimensão desta nova forma de negar a autoridade central alarmou sobremaneira as classes reinantes na Europa.

A Revolução Francesa, com seu ideário e seu grande potencial de mobilização massiva, colocou os “príncipes” em permanente estado de alerta. No entanto, foi dentro de seu exército que o movimento gestou uma ameaça ainda maior para os poderes instituídos: Napoleão Bonaparte.

O ambicioso jovem começou a carreira no exército atuando na artilharia e por suas capacidades técnicas e táticas foi ascendendo na hierarquia militar até alcançar, em apenas dois anos, o generalato. Segundo Hobsbawm, daí para frente, contando já com grande influência no meio político,

El poder recayó en parte en sus manos y en parte él mismo lo arrebató cuando las invasiones extranjerias de 1799 revelaron la debilidad del Directorio y la indispensable necesidad de su espada. En seguida fue

nombrado primer cónsul; luego cónsul vitalicio; por último emperador.<sup>4</sup>

No âmbito interno, Napoleão foi um estabilizador da ordem dissolvida pelo Diretório<sup>5</sup>; porém no âmbito externo, seu expansionismo estremeceu o continente europeu. Em pouco tempo, o Império Napoleônico conquistou territórios e fez alianças que estenderam o domínio francês sobre toda a Europa: desde a Península Ibérica até Varsóvia (hoje Polônia), Países Baixos e Península Itálica.

Entretanto, Napoleão era mais que uma ameaça concreta de enfrentamento bélico e possível perda de território e poder. A figura em si deste estadista trazia a encarnação de uma novidade que se processava no campo do pensamento científico e filosófico e rompia profundamente com os alicerces ideológicos que fundamentavam a estrutura hierárquica social da época.

Como diz Hobsbawm, Napoleão foi o primeiro mito secular da história moderna. Mas além de ser um vulto desvinculado da religião, era a materialização de uma nova maneira de conceber o indivíduo: uma maneira que outorgava mais autonomia ao ser e legitimava, pela virtude e pelo mérito (e não pela natureza inata), sua atuação em qualquer estrato social.

Todos los hombres vulgares se conmovieron ante el fenómeno – único hasta entonces – de un hombre vulgar que llegó a ser más grande que los nascidos para llevar una corona. Napoleón dio un nombre propio a la ambición en el momento en que la doble revolución había abierto el mundo a los hombres ambiciosos. Y aún había más: Napoleón era el hombre civilizado del siglo XVIII, racionalista, curioso, ilustrado, pero suficientemente discípulo de Rousseau para ser también el hombre romántico del siglo XIX.<sup>6</sup>

Enquanto na concepção iluminista a genialidade era expressão de um dom inato determinado exclusivamente pela natureza divina, na noção romântica o gênio era atributo de um indivíduo extraordinário que, embalado pela virtude, tinha a capacidade

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric. **Las revoluciones burguesas**. Madrid: Guadarrama. Vol.1, 1976, p. 140.

<sup>5</sup> O Diretório consistiu em uma comissão que assumiu o Poder Executivo em 1794. Seu governo, de cunho conservador e operado pela alta burguesia francesa, acabou afastando ainda mais as classes desfavorecidas do centro das decisões políticas. Esta situação agravou o cenário de crise interna provocada pelos problemas econômicos. A economia francesa estava debilitada pelos gastos nas campanhas militares do exército revolucionário e pelo crescimento exponencial da corrupção dentro do governo. Neste período, ganha projeção a figura do general Napoleão Bonaparte que, além de sufocar a tentativa de golpe movida pelos "ultra-realistas" em 1796, iniciava neste período sua brilhante carreira militar inaugurada pelo contundente sucesso das tropas francesas nas campanhas da Itália.

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric. **Las revoluciones burguesas**. Madrid: Guadarrama. Vol.1, 1976, p.142.

de empreender grandes realizações cívicas submetendo suas paixões à faculdade da razão. Hegel expressa bem este novo olhar sobre o indivíduo:

Gênio é aquele que tem o poder geral da criação artística bem como a energia necessária para exercer tal poder com o máximo de eficácia. Tal poder e tal energia são, porém, essencialmente subjetivos, pois a produção espiritual só pode existir num sujeito consciente do que quer, dos fins que se propõe, da obra que pretende realizar.<sup>7</sup>

Na obra *Como fazer a Guerra*, que consiste em uma compilação das principais ideias de Napoleão Bonaparte, encontramos plasmado no pensamento do Imperador o protagonismo que esta nova concepção de indivíduo indicia.

Os homens que mudaram o mundo não o fizeram dirigindo-se aos chefes, mas às massas. Nada de intrigas, que não levam a lugar nenhum; toda mudança tem a marca do gênio. Este sim muda a face do mundo.<sup>8</sup>

O significado destas mudanças para a consciência dos povos foi bastante revolucionário. No livro, por exemplo, vemos isto representado nas convicções do protagonista. Julien, tributário das possibilidades de ascensão dentro das hierarquias de poder exemplificadas pela trajetória pessoal exitosa de Napoleão, demonstra sua filiação à nova categoria de indivíduo exaltada pelo espírito romântico. Este novo ideário, difundido na França dos anos de 1830, incorporou na narrativa histórica sujeitos anônimos que, por suas qualidades intelectuais e morais, puderam ascender à condição de cidadãos virtuosos e respeitáveis, independentemente de sua origem social. Para o jovem camponês a figura de Napoleão simboliza a possibilidade de redenção diante do imobilismo social característico do Antigo Regime.

Frente ao enorme alcance popular dos ideais revolucionários e do exemplo de Napoleão, os “príncipes” se uniram e reagiram instituindo o Congresso de Viena, em 1815. O objetivo principal das resoluções tomadas no seio desta instância era frear a França em todos os sentidos, seja militar, seja no campo das ideias. Desta forma, manteve-se de pé o “inimigo necessário” à unidade europeia, estratégia que oficializou a ideia de equilíbrio de poder e, como falaremos mais adiante, permitiu a consolidação da hegemonia britânica no mundo.

---

<sup>7</sup> HEGEL, G. W. F. **Estética: o belo artístico e o ideal**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p.276.

<sup>8</sup> BALZAC, Honoré de. **Como fazer a guerra: Máximas e pensamentos de Napoleão**. Porto Alegre: L&PM, 2014, p. 32.

Vale mencionar que esta união dos interesses dos príncipes europeus foi alentada também por um sentimento de inferioridade, de atraso, em relação a Inglaterra e a França. Era uma ideia de defasagem não só no âmbito econômico, decorrente dos visíveis avanços da Revolução Industrial, como também militar e filosófico. Nestes últimos quesitos, a França era a principal referência.

### AS “ASSOMBRAÇÕES” DO INÍCIO DO SÉCULO XIX NA CRÔNICA DE STENDHAL

Tendo já abordado alguns dos fenômenos mais inquietantes que pautaram qualquer reflexão ou ação no início do século XIX, vejamos agora como eles aparecem nas perspectivas dos sujeitos que atuam nas distintas camadas de poder representadas em *O vermelho e o Negro*. Para isso, em nossa análise enfocaremos apenas as relações de Julien com os personagens que simbolizam o “poder” em cada esfera: em Verrières, o aristocrata e prefeito Sr. de Rênal; em Besançon, o abade Pirard e o Vigário Geral Frilair; e, em Paris, o Marquês de La Mole e suas relações políticas.

Em Verrières, Julien, seminarista e filho mais novo de um carpinteiro da região, é contratado pelo Sr. de Rênal, fidalgo e prefeito de Verrières, para ser o preceptor de seus filhos. O convívio entre Julien e a família Rênal ressaltam aos olhos do seminarista sua condição humilde e evidenciam para o prefeito a inexistência de legitimação da autoridade da nobreza na hierarquia social. Enquanto Julien se vê inferiorizado pela riqueza dos Rênal, o aristocrata se sente intimidado pelo potencial da inteligência e da tenacidade do jovem camponês. As ameaças latentes neste período da Restauração no ambiente provinciano são: de um lado, a impossibilidade de mobilidade social restaurada pelo governo monárquico; e de outro, o medo eminente entre os membros do *status-quo* de que surja um novo contestador da antiga ordem. Vejamos alguns trechos do romance que exemplificam estas percepções.

Ao ser interpelado por sua esposa que se contentava em ver como seus filhos gostavam do professor e das novidades que aprendiam, o Sr. de Rênal responde:

- Sim sim! Eu sei, ele me torna odioso aos meus filhos; é muito fácil para ele ser cem vezes mais amável do que eu, que afinal sou o dono da casa. Tudo tende nesse século a lançar o ódio sobre a autoridade legítima. Pobre França!<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> STENDHAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.166.

Uma simples observação restrita ao âmbito familiar acaba estendida à conjuntura nacional, o que nos permite associar, de forma metafórica, a figura do pai e dos filhos à do soberano e dos súditos, respectivamente. Esta ideia nos permite elevar nossa reflexão a um nível de abstração maior, buscando entender as transformações e singularidades na percepção das relações de dominação interna de um Estado.

Neste cenário provinciano, palco importante das disputas entre a aristocracia e a burguesia, prevalece o elemento econômico na competição e, neste contexto, podemos observar que a consciência acerca da relação soberano-súdito não ocupa o centro das atenções de um poder. Para o sr. de Rênal, ainda que Julien represente o elemento da vida nacional que contesta sua autoridade, combatê-lo não é o foco de sua preocupação. O próprio narrador de *O Vermelho e o Negro* dá atestado desta percepção:

Deixemos de lado este homenzinho com seus pequenos temores; porque foi trazer para sua casa um homem de fibra, quando precisava de uma alma servil? O curso habitual do século XIX exige que, quando um homem nobre e poderoso encontra um homem de fibra, ele o mate, exile, encarcere ou humilhe até que o outro cometa a tolice de morrer de pesar.<sup>10</sup>

Já a consciência de Julien – que naquele momento ainda não havia se expandido para outros mundos além da província – não permitia que ele vislumbrasse a razão de sua inferioridade muito além da questão financeira. Porém, o protagonista já começa a perceber que o temor que ele provocava no aristocrata não se limitava exclusivamente a esta ordem.

O que eles temem deve ser esta categoria de homens de fibra que, depois de receber uma boa educação, não têm dinheiro suficiente para iniciar a carreira. O que seria destes nobres se tivéssemos a oportunidade de combatê-los com armas iguais! (...) A justiça triunfaria em Verrières!<sup>11</sup>

Julien não era um revolucionário, adepto de uma ou outra corrente política. Sua percepção, aparentemente ingênua, se aproxima mais da sensibilidade difusa descrita por Hobsbawm ao analisar o sentimento bonapartista que havia se difundido na França dos anos de 1820. Sobre a persistência deste ideário e sua dimensão simbólica o historiador inglês afirma: “No puede sorprender, por tanto, la persistencia del

---

<sup>10</sup> STENDHAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.169.

<sup>11</sup> Ibid. p.115.

bonapartismo como ideologia de los franceses apolíticos, especialmente de los campesinos más ricos, después de la caída de Napoleón.»<sup>12</sup>

A frase abaixo revela a filiação do protagonista à simbologia representada pelo bonapartismo e a dimensão apolítica assumida por este sentimento durante os anos da Restauração.

- Ah! – exclamou [Julien]. – Como Napoleão foi mesmo o homem enviado por Deus para os jovens franceses. Quem vai substituí-lo? O que os infelizes farão sem ele, até os mais ricos do que eu, que têm apenas os poucos escudos de que precisam para conseguir uma boa educação, e não dinheiro suficiente para comprar um homem aos vinte anos e se lançar numa carreira! Não importa o que façamos – acrescentou com um profundo suspiro –, essa lembrança fatal sempre impedirá que sejamos felizes!<sup>13</sup>

Vitimado pela publicidade das suspeitas sobre seu caso com a sra. de Rênal, Julien é obrigado a deixar Verrières e, instalando-se em Besançon, ingressa no Seminário onde inicia suas atividades clericais. A opção do camponês pela vida eclesiástica se dá mais por falta de oportunidade na carreira militar do que por vocação religiosa, indício de um período de poucas guerras entre as nações e de uma retomada da influência da Igreja. Para Julien também se apresentavam excelentes oportunidades no comércio, porém, conforme aponta Erich Auerbach, o protagonista era

Demasiado fantasioso, demasiado ambicioso e sequioso de domínio, para se satisfazer com uma existência medíocre no seio da burguesia, como seu amigo Fouqué lhe propõe; a partir da observação de que um homem de origem pequeno-burguesa só pode atingir uma posição de domínio através da Igreja, quase onipotente, tornou-se de plena consciência um hipócrita.<sup>14</sup>

Na cidade sede do arcebispado, Julien ingressa em um ambiente em que as disputas pelo poder implicam uma trama mais complexa de intrigas que a observada por ele em Verrières, onde as rivalidades eram mais visíveis. Em Besançon, jansenistas e jesuítas disputavam espaço dentro da Igreja e do governo tecendo uma intrincada rede de alianças e manobras políticas. Julien acaba, ingenuamente, se colocando do lado do diretor do seminário, o jansenista Pirard, rival do jesuíta Frilair, que ocupava o posto de Vigário Geral e era braço direito do Bispo.

<sup>12</sup> STENDHAL. **O vermelho e o negro**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 143

<sup>13</sup> Ibid. p.114.

<sup>14</sup> AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 407

O tempo de seminário foi bastante penoso para o jovem camponês. A inteligência e a aplicação de Julien eram vistas como uma afronta por seus colegas:

Aos olhos deles, provara ser culpado de um vício enorme, ele pensava, julgava por conta própria, em vez de seguir cegamente a autoridade e o exemplo. O padre Pirard não lhe prestara nenhum socorro; não lhe dirigira a palavra uma única vez fora do confessional, onde ainda por cima, escutava mais do que falava.<sup>15</sup>

Apesar das insistentes tratativas, o jovem seminarista não conseguia se adequar e ser aceito. Publicamente, os padres se mantinham neutros, de forma que Julien compreende que ali o Saber, seja ele qual for, não só não tinha valor, mas era visto como um crime.

“Então a ciência não vale nada aqui?”, pensava com despeito “Os progressos no dogma, na história sagrada etc. só contam na aparência. Tudo que dizem a este respeito se destina a fazer cair numa armadilha os loucos como eu. Ai de mim! Meu único mérito consistia nos meus rápidos progressos, na minha maneira de captar estas baboseiras.”<sup>16</sup>

Nem mesmo o conhecimento das Escrituras Sagradas era valorizado, o que o faz, inclusive, questionar a fé das autoridades eclesiásticas.



Será que, no fundo, as estimam pelo seu real valor? Será que as julgam como eu? E eu era tolo em me orgulhar! Esses primeiros lugares que sempre obtenho só serviram para me proporcionar inimigos ferrenhos. Chazel, que sabe mais do que eu, sempre põe nas suas composições alguma asneira que o relega para o quinquagésimo lugar; se obtém o primeiro é por distração. Ah, como uma palavra, uma única palavra do sr. Pirard teria sido útil!”<sup>17</sup>

Tanto Pirard, quanto Frilair não o defendiam, contudo, em particular, lhe manifestavam afeição. Essa posição dúbia, manifestada em ambas as facções católicas, exemplifica a aplicação de éticas diferentes por parte da autoridade religiosa, dependendo da esfera de poder em se que atua. Onde seu domínio não devia ser questionado, o saber era abominável; porém, onde a expansão de poder devia ser conquistada, os ilustrados podiam ser aliados. É interessante notar que neste cenário, onde atuam forças que estão mais próximas do centro de decisão, o saber ganha uma importância diferente. De um simples conhecimento técnico, noção que predomina na

---

<sup>15</sup> AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.201

<sup>16</sup> STENDHAL. **O vermelho e o negro**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 202.

<sup>17</sup> Ibid.,p. 202

província, passa ser percebido como um instrumento de dominação e/ou ampliação de poder.

O abade Pirard apoiava os interesses do Marquês de La Mole em litígios que este tinha com Frilair a respeito da posse de algumas terras em Besançon. Pirard, afeiçoado a Julien, o indica para trabalhar na mansão do marquês como seu secretário particular e, assim, o protagonista se translada a Paris. Esta parte do romance é bastante extensa e rica em informações interessantes, mas, cuidando de nos ater aos objetivos propostos nesta pesquisa, não exporemos muito detalhadamente a narrativa em si.

Ao invés de selecionar um fragmento da obra que explorasse as visões específicas do sr. de La Mole e de Julien, como fizemos nos cenários anteriores, escolhemos o episódio abaixo para exemplificar melhor uma esfera em que o grau de complexidade das relações de poder deve levar em conta atores e fatores bastante diversos.

Entre a elite parisiense os talentos intelectuais de Julien não eram mal vistos, mas pelo contrário. Neste cenário, o fator que mais pesava contra a aceitação de Julien era sua origem plebeia. No entanto, apesar deste entrave, neste meio o protagonista faz grandes progressos – amplia suas referências filosóficas, refina seus modos provincianos nos moldes dos costumes da alta sociedade e aprende a arte da diplomacia do ambiente hipócrita dos salões e da política. Boa parte destes avanços foram estimulados pelo próprio Sr. de La Mole, que havia simpatizado com o rapaz.

Em certa ocasião, que presume-se ter ocorrido no contexto prévio à Revolução de 1830, o marquês o leva para uma reunião secreta onde será elaborada uma mensagem que Julien deverá memorizar e transmitir a um duque radicado na Inglaterra. Sem saber, o jovem participava de uma conspiração legitimista em defesa da monarquia absolutista. Depois de uma longa discussão onde participaram altos representantes do exército, da nobreza e do clero, um dos integrantes resumiu da seguinte forma os principais consensos:

- Primeiro: a Inglaterra não tem um guinéu para nos servir; a economia e Hume estão de moda por lá. Nem mesmo os Santos vão nos dar dinheiro e o senhor Broughton vai rir de nós. Segundo: é impossível obter mais de duas campanhas dos reis da Europa sem o ouro inglês; e duas campanhas não bastarão contra a pequena-burguesia. Terceiro: a necessidade de formar um partido armado na França, sem o qual o princípio monárquico da Europa não arriscará sequer essas duas campanhas. O quarto ponto, que me atrevo a propor-lhes como evidente, é o seguinte: Impossibilidade de formar

um partido armado na França sem o clero. (...) O clero tem uma competência superior à dos senhores – continuou o cardeal, elevando a voz. Todos os passos que os senhores deram na direção desse ponto fundamental, o de ter na França um partido armado, foram dados por nós.<sup>18</sup>

Os dois primeiros tópicos, que resumem as avaliações sobre o cenário externo, dão indícios de que, naquele momento, a Inglaterra se colocava neutra nas questões internas da França e que a Santa Aliança – supostamente a instância com maior poder de atuação na Europa – dependia da Inglaterra para financiar campanhas militares efetivas. Já em terreno doméstico, as avaliações são de que o projeto monarquista conservador não contava nem com força militar, nem com adeptos suficientes na sociedade.

Mais que captar as percepções particulares de um grupo de poder prestes a ruir, nos interessa entrever no texto citado como se movem os *players* dentro da dinâmica de competição do sistema europeu na época. Como abordado por diversos historiadores e analistas, por trás da neutralidade da Inglaterra nos assuntos europeus no início do século XIX oculta-se uma estratégia eficiente de ascensão na hierarquia de poder mundial. Essa estratégia mantinha um equilíbrio de forças entre as potências europeias, enquanto, por fora, o poder britânico crescia e se consolidava. Este mesmo fragmento do romance nos permite constatar a eficácia desta manobra ao mencionar que o limite da autonomia da Santa Aliança era o financiamento inglês.

Podemos extrair deste trecho algumas reflexões importantes para nosso estudo. Primeiro, vemos que nesta esfera, onde está localizado o núcleo do poder, as peças do tabuleiro são mais numerosas e variadas e, além disso, o palco da competição não fica restrito ao âmbito interno. Neste cenário do romance, podemos enxergar o quadro completo da disputa pelo poder: alianças e conflitos entre os Estados, o poder religioso e o setor interno com menos poder (povo e burguesia). José Luís Fiori conceitua da seguinte maneira esta composição sistêmica,

Toda relação de poder exerce uma “pressão competitiva” sobre si mesma. Em primeiro lugar, pelo lado dos súditos (S), que resistem ao arbítrio do príncipe ou soberano (P) e tentam expandir sua margem de manobra e de resistência. E, em segundo lugar, pelo lado dos demais poderes soberanos (P2, P3, ...).<sup>19</sup>

<sup>18</sup> STENDHAL. **O vermelho e o negro**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.409-410.

<sup>19</sup> FIORI, J. Luís. **O poder global**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 17

Mais recentemente, optando por uma terminologia que deixa de atrelar os atores do sistema a uma categoria social do Antigo Regime, o autor, no lugar de “P1” e “S” (príncipe e súditos), passou a utilizar “P1+” e “P1-” (para exemplificar a assimetria interna de um mesmo poder, P1). E assim, podemos dizer que a estrutura orgânica do poder sugerida por Fiori é representada da seguinte forma:



Numa perspectiva realista das Relações Internacionais, o objetivo supremo que orienta as ações de uma unidade de poder é a necessidade, incessante, de acumular mais poder. Desta forma, tomando como parâmetro a representação da tessitura do poder proposta por Fiori, P2 intervém em assuntos domésticos de P1, se associando a P1+ ou a P1-, conforme melhor lhe convier para acumular mais poder em relação a todos os demais poderes, inclusive a P1+.

Sob esta ótica, os princípios ético-morais que fundamentam a atuação de um determinado Estado seriam bastante flexíveis. Como podemos observar, na narrativa de Stendal, por mais que a Inglaterra fosse partidária dos princípios monarquistas, como inclusive foi mencionado na reunião, ela não se posicionou como aliada ao grupo que defendia estes interesses na França.

Outra reflexão importante que podemos extrair deste trecho, especificamente do ponto quatro, é a percepção de que para participar do jogo em condições favoráveis é necessário uma coesão interna mínima, que se constrói em torno da guerra e com base em uma matriz ética. Estas são as ideias que estão por trás das avaliações dos membros da reunião sobre a situação das relações de poder no âmbito interno. E, neste sentido, não surpreende a afirmação do cardeal de que foi a Igreja a instituição que maior protagonismo teve, na história da França, de amalgamar tal coesão.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária que escolhemos para dar suporte à nossa análise leva a vantagem de retratar o período estudado em diferentes aspectos. A intenção de Stendhal de deixar um registro de sua época, além nos oferecer um rico material histórico, nos dá indícios da magnitude do estremecimento intelectual suscitado pelos acontecimentos da

revolução burguesa. A percepção de mudança na correlação de forças no jogo do poder também se expressa na forma artística que o escritor encontra para realizar sua criação.

De acordo com o crítico alemão Erich Auerbach,

Nisto estão implícitas, ao mesmo tempo, as circunstâncias que fizeram despertar; neste instante, em um homem desta época, o realismo moderno, trágico e historicamente fundamentado: era o primeiro dos grandes movimentos modernos, do qual participavam conscientemente as grandes massas humanas, a Revolução Francesa, com todas as agitações que se espalharam pela Europa inteira e que foram suas consequências.<sup>20</sup>

Enquanto para uns o artista, frente a conturbada conjuntura de sua época, se impunha uma obrigação de cunho “realista”, a de registrar fielmente sua História, para outros, era o espírito romântico o encorajador da geração que viveu e pensou as agitações do início do século XIX. Para o historiador Saliba,

Mal do século! Sem dúvida, mas não uma mera inquietação metafísica ou existencial. O esboroar do antigo regime, o traumatismo da revolução, as mesquinhas de uma restauração medíocre, a tibieza ou inexistência de opções sociais duráveis – todos estes eventos foram registrados como abalos pelo sismógrafo francês da primeira geração do século. A princípio, a geração de 1820 da *intelligentsia* francesa identifica seu destino ao de uma aristocracia, posta um tanto a margem do poder, daí certo sentimento neurastênico de inutilidade, de cansaço antecipado, que transpira de certos registros da época. Mas, posteriormente, a maior parte dos artistas e escritores franceses do período, próximos a burguesia, viram-se mais propensos e a defender e tematizar sobre um imaginário social, no qual os homens passavam a depender menos dos privilégios herdados e mais dos talentos individuais. A partir daí, o sismógrafo registraria um ritmo normal? Não, pois a característica mais definidora do imaginário romântico foi exatamente a permeabilidade ao instável.<sup>21</sup>

Segundo Saliba, esta dupla motivação refletia uma crise de identidade estendida a todas as perspectivas, tanto a individual como a coletiva. Isto é, havia uma grande dificuldade em pensar-se como ser ou como classe neste contexto em que as fronteiras na hierarquia social estavam veladas.

Não se sabe o que foi mais forte, se a realidade ou a imagem destas interrogações do futuro, que marcaram a *intelligentsia* francesa do período. A dificuldade vinha da própria forma como artistas, pensadores e publicistas conseguiam simbolizar, esforçando-se por

---

<sup>20</sup> AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.410

<sup>21</sup> SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p.27

captar todas as mudanças de uma realidade fugidia e rarefeita, que se alterava num ritmo quase insano... Crise de identidade individual, existencial, crise de identidade coletiva, social – tudo isso num século que parecia ter perdido sua própria alma.<sup>22</sup> (SALIBA, 2003, p.30)

No trabalho, ressaltamos como os principais eventos impulsionados pela Revolução Francesa transformaram profundamente a consciência social da época. Em todos os cenários da ação narrativa e em todas as esferas da vida política de *O vermelho e o Negro* que analisamos, constatamos, com diferentes graus de consciência em cada ator, a existência de uma percepção generalizada de que a realidade sofria uma metamorfose e não se podia vislumbrar dentro dela qual era a condição de sua posição nas relações de poder.

O *tempo* das modificações exige um esforço constante e extremamente difícil em pró de uma adaptação interna, assim como provoca violentas crises de adaptação. Quem pretender dar a si próprio razão da sua vida real, da sua posição dentro da sociedade humana, é obrigado a fazê-lo sobre uma base prática muito mais ampla e dentro de um contexto temporal muito maior do que outrora, para manter a consciência constante de que o chão social sobre o qual se vive não está em repouso em nenhum instante, mas é modificado incessantemente pelos mais múltiplos estremecimentos.<sup>23</sup>

Para finalizar nossas reflexões sobre as mutações sistêmicas captadas por Sthendal, cabe destacar outro trecho de Auerbach, em que o crítico põe em relevo a importância do fator “súdito” (ou P1-) para as alterações das relações de poder daquele período. Segundo Auerbach, um diferencial impactante e inovador da Revolução Francesa seria o alcance e a velocidade com que ela se exportou e se espalhou para o mundo. Esta imensa difusão concorreu para fortalecimento do setor interno menos favorecido na correlação de forças dentro do Sistema Mundial.

Diferencia-se do movimento da Reforma – não menos violento e que não agitou menos as massas – pelo *tempo* muitíssimo mais rápido da sua difusão, do seu efeito sobre as massas e das mudanças práticas da vida num espaço relativamente amplo; pois os progressos técnicos alcançados simultaneamente no campo dos transportes e da transmissão de informações. (...) Todos foram atingidos muito mais rápida, mais consciente e mais uniformemente pelos mesmos pensamentos e acontecimentos. (...) Uma tal evolução estremece ou

---

<sup>22</sup> SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p.30

<sup>23</sup> AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.410

enfraquece todas as ordens e classificações da vida vigentes até então.<sup>24</sup>

**RECEBIDO EM: 09/02/2016**

**PARECER DADO EM: 13/06/2016**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

<sup>24</sup> AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.410